

AS OBRAS DE ARTHUR BISPO DO ROSARIO: ENSAIO FENOMENOLÓGICO¹.

Latife Yazigi²

Universidade Federal de São Paulo.

Agradecimento

Este trabalho foi possível graças à colaboração do Dr. Ricardo Aquino, Diretor do Museu Bispo do Rosário.

Resumo

Arthur Bispo do Rosario nunca quis ser um artista. Ex marinheiro e boxeador, paciente de uma instituição psiquiátrica de 1939 to 1989, com várias admissões e altas, criou obras artísticas deslumbrantes. Foi consagrado nas artes plásticas e seus trabalhos têm sido exibidos ao redor do mundo. Arthur Bispo passava horas isolado, jejuando, costurando, bordando, ocupando-se em reconstruir o mundo em miniaturas para serem apresentadas no Dia do Julgamento Final. Desfazia seu uniforme azul do hospital e usava a linha para coser e bordar vestes e estandartes. Fabricava objetos em madeira e compunha montagens usando sucata. Em Jacarepaguá, Rio de Janeiro, encontra-se um museu permanente onde são exibidas cerca de 1.000 peças de sua realização. No presente ensaio, a produção de Arthur Bispo é analisada de acordo com a fenomenologia estrutural. São identificadas características esquizorracionais, tais como, prevalência das formas geométricas, da linha reta, da composição estática, rígida e repetitiva, da organização formal esquemática, da quantidade de elementos que cobrem quase que a totalidade da superfície, da presença de nomes, da preferência por palavras, do uso de cores frias, entre outros.

Palavras chaves: Arthur Bispo do Rosario, Fenomenologia Estrutural, Criatividade.

¹ Trabalho apresentado no Congresso ARIC, Amiens, França, 2003

² Professora do Departamento de Psiquiatria da UNIFESP/EPM. Coordenadora do Programa de Especialização em Psicologia da Saúde da UNIFESP/EPM. Primeira Vice-Presidente da Internacional Rorschach Society. Vice-Presidente da Societé Internationale de Psychopathologie Phénoméno-Structurale. Fundadora e atual Membro do Comitê Consultivo da Associação Brasileira de Rorschach.

Abstract

Arthur Bispo do Rosario never wanted to be an artist. Ex sailor and boxer, impatient of a psychiatric institution from 1939 to 1989, with many admissions and discharges, elaborated remarkable aesthetic works. Consecrated in plastic arts, his works have been showed all over the world. Arthur Bispo spent interminable hours isolated, fasting, sewing, embroidering, and busy rebuilding the world in miniatures to be presented for the Final Judgment Day. He unweaved his hospital blue uniform in order to make use of the thread to sew and embroider cloaks and banners. He manufactured things and shaped assemblages using pieces of any discarded household appliances. There is a permanent museum in Rio de Janeiro where exhibits around 1,000 pieces of his works. In the present essay Bispo's productions are analyzed according to the phenomenological-structural approach. The schizoid-rational characteristics are identified, such as the supremacy of the geographic forms, the right line, the static, rigid and repetitive composition, the schematic formal organization, the amount of elements that cover almost all the totality of the surface, the presence of names, the use of words and of cold colors, among others.

Key-words: Arthur Bispo do Rosario, Phenomenological-structural approach, Creativity.

A FENOMENOLOGIA E AS OBRAS DE ARTHUR BISPO DO ROSARIO.

1. O Chamado

“Faltavam dois dias para o Natal de 1938. Era meia-noite e Arthur Bispo do Rosario descansava no quintal do casarão da família Leone, no Rio de Janeiro. De repente, a cortina preta que revestia o teto do mundo se rasgou sobre ele e deu passagem a sete anjos de aura azulada e brilhosa. Vinham do céu a seu encontro. Era um chamado. A noite se fez dia para convocá-lo a sua missão. Bispo recebeu os anjos e os acolheu em algum canto e sua psique. A glória absoluta: era enfim reconhecido. Como Jesus Cristo? ‘Está falando com ele’, arriscaria a confissão [...] Guiado por imagens, arrastado por vozes que lhes sopravam segredos ao ouvido, Bispo se apresentou. O ponto final daquele calvário de delírios foi o Mosteiro de São Bento. Lá anunciou aos padres: ‘Vim julgar os vivos e os mortos’. Bispo foi enviado ao hospício da Praia Vermelha” (Hidalgo, 1966, p. 13, 14).

É assim que a jornalista Luciana Hidalgo inicia sua extraordinária biografia Arthur Bispo do Rosario, o Senhor do Labirinto – fonte bibliográfica do presente ensaio.

Esse périplo foi registrado por Arthur Bispo em um estandarte – “Eu preciso destas palavras” – em que bordou, nos moldes de um mapa, a praia de Botafogo, Rua Senador Vergueiro, Praia do Flamengo, Rua Primeiro de Março. Nele também se destaca a figura de um homem com a inscrição Cloves no peito, cercado por palavras:

ESPINHA DORSAL ESTATURA MEDIANA DESSE ESQUEMA – TEM O
CARATÊ – BUSTO – FISCO – CORPO – ALMA – E CIRCULATORIO DO
SER HUMANO CABELOS PENDÕES E SEGURANÇA – 7 – SETE
OUVIDOS ORELHAS TRAQUÉIA PELE FACE QUEIXO DENTES...

O mapa do corpo humano prosseguia em detalhes fisiológicos, abaixo do homem bordado, Bispo registrou a verdadeira urgência: EU PRECISO DESTAS PALAVRAS – ESCRITA (Hidalgo, 1996, p. 151)

2. As Origens

Arthur Bispo do Rosario nasceu em Japarutuba, Sergipe, em 5 de outubro de 1909. Filho legítimo de Claudino Bispo do Rosario e Blandina Francisca de Jesus. Negro, nasceu vinte e um anos após a abolição da escravatura.

Arthur – com ‘th’ como o legendário rei inglês. Bispo – como o prelado que dirige uma diocese. Rosario – como as 165 contas das 150 ave-marias e dos 15 padre-nossos. A mãe era de Jesus. Japarutuba – que em Tupi significa rio de muitas voltas, cidade em que ocorreram conquistas e pregações missionárias – a Missão Japarutuba – lembrada por Arthur Bispo em um outro estandarte.

3. As Tradições

A infância de Arthur foi marcada por procissões, quadrilhas e desfiles em que os participantes se destacavam por suas vestes coloridas e profusamente bordadas. Nessas festas mesclavam as tradições indígenas, africanas e nordestinas.

Assim, o Dia de Reis com a coroação do rei e da rainha, ambos negros segundo a tradição, e ricamente vestidos com roupagens recamadas de bordados e franjas. Da mesma forma a ‘Chegança’, representação popular com temas históricos como as lutas entre cristãos e mouros, em que os participantes se vestiam de almirantes, tenentes, grumetes; o rei mouro usava um manto vermelho cravejado de bordados, coroa e espada. Essas tradições estão claramente expressas nas obras de Arthur Bispo, tal como o Manto da Aparição.

De importância a Quaresma e seus quarenta dias de jejum de comida, de canto, de dança e de alegria e que deixou marcas profundas em Arthur do que resultaram com certeza suas posteriores reclusões e drásticos jejuns.

“Arthur Bispo do Rosario cresceu cercado por beatas, rituais, rosários, mandamentos, pecados, culpas e confessionários. Anos mais tarde, se faria adotar por Maria, emagreceria em repetidos jejuns para virar santo, juraria que uma cruz lhe marcava as costas, confeccionaria um novo mundo para apresentar ao Todo-Poderoso na audiência final” (Hidalgo, 1966, p. 37).

4. Colônia Juliano Moreira

Na época de sua internação, Arthur Bispo morava e trabalhava na casa da família Leone, ocupando-se de serviços domésticos. Era muito competente, dedicado e humilde. Chegou à Colônia Juliano Moreira irritado, agressivo e aborrecido e foi alojado no pavilhão para os perigosos por causa de sua agitação. Quando indagado sobre seus dados pessoais, responde:

– “Um dia eu simplesmente apareci pelos braços da Virgem Maria” (Hidalgo, 1996, p. 33).

Arthur Bispo havia trabalhado na Marinha Mercante, dos 15 aos 23 anos, na função de sinaleiro. Viajara em caça-torpedeiros, destróieres e couraçados pela costa brasileira. Na Marinha aprendeu a lutar boxe. Essa experiência de pugilista lhe garantiu posição privilegiada na Colônia. Em pouco tempo, os guardas e enfermeiros o adotaram como um aliado. Forte, sisudo, logo se tornou o xerife do pavilhão. Tinha plenos poderes, reprimia os agitados mas também ajudava em pequenas tarefas, auxiliando tanto algum paciente enfermo como colocando ordem na casa. Assim foi se impondo, podia tomar café com os guardas e ficar até tarde da noite sem obedecer ao toque de recolher.

Arthur Bispo aprendeu a se conter. Tinha medo da própria força. Em diferentes momentos pedia a um dos guardas que o prendesse porque estava ‘se transformando em rei’ e poderia ‘entrar em guerra’. Nessas ocasiões, andava de um lado a outro do quarto, passando a mão na cabeça, reclamando da insuportável pressão, pronunciando frases desconexas, falando de reis e rainhas.

– “Eu sou o rei dos reis!” (Hidalgo, 1966, p. 25)

Exigia que fosse trancado no quarto forte e, por vezes, lá permanecia durante meses, recusando alimento, passando fome, jejuando. Os funcionários da Colônia mais próximos se esforçavam para convencê-lo a comer alguma coisa. Ofereciam frutas que era o único alimento que aceitava. Algumas vezes se mantinha somente à custa de copos de água com açúcar.

– “Vou secar e virar santo!” (Hidalgo, 1966, p. 25)

Os funcionários da Colônia respeitavam esses períodos de reclusão e não se atreviam a chegar perto de Arthur Bispo. Um dia, Altamiro arriscou. Arthur Bispo, vestido com o Manto da Apresentação, deixou que entrasse em seu quarto estendendo a mão por baixo do manto para que fosse beijada.

Essa era a fase de transformação. Arthur Bispo quase não falava e quando o fazia falava com voz em tom baixo. Recolhido no quarto-forte, era tomado por uma obsessão – era um enviado de Deus, um Cristo, empenhado na reconstrução do mundo. Trabalhava ininterruptamente e com afã, construindo objetos, em geral em madeira, em miniaturas: carrinhos, barcos, caixa de música, roda da fortuna. Essa era sua missão. É nessa fase, isolado e mergulhado em seu trabalho, que a criatividade emergia e “a arte brotava de suas mãos endurecidas pelos excessos nos ringues e por uma artrite que evoluiria com o tempo”, como bem assinala Hidalgo (p. 26).

Os trabalhos em madeira expõem sua habilidade de artesão da vida rural. Assim, atividades de um engenho de açúcar, cerca de bambu e arame, carrinho de mão com pedras, curral, cavalos com selas e estribos, vacas malhadas com sinos, carros de boi e o coreto típico das cidades do interior com a inscrição:

ORADOR RELIGIOSO O POLÍTICO

COMISSÃO JULGADORA

Arthur Bispo desfiava seu uniforme azul da Colônia para aproveitar os fios e tecer. Assim, começou a coser o Manto da Apresentação a partir de um cobertor vermelho e que bordaria durante toda sua vida. O Manto seria para o dia de sua passagem e de sua apresentação ao Divino, no dia Juízo Final. No Manto, bordadas, uma profusão de miniaturas: tabuleiro de xadrez, peça de dominó,

dado, mesa de sinuca, mesa de pingue-pongue, cesta de basquete, bicicleta, avião, trilho de trem, fogão, lambreta, escada, tesoura, ringue de boxe, números, palavras, fitas coloridas, franjas, cordas, um crucifixo.

No avesso do Manto da Apresentação, bordados em azul sobre forro branco, nomes das pessoas escolhidas que Arthur Bispo iria proteger na 'outra vida'. Em sua maioria nomes femininos e seguidos por FRANCISCA-DE-JESUS. Apenas um ou outro nome de homem antecedido pelo nome MARIA.

– “Eu vim para salvar a humanidade, então tenho que ter esses mantos de Cristo, bordados com os nomes de quem vai se salvar quando acabar o mundo!” (Hidalgo, 1966, p. 98)

Arthur Bispo não gostava de fazer as refeições junto com os outros pacientes e não ia ao refeitório. Pegava a bandeja, ou alguém a levava para ele, e ia para bem longe. Comia pouco. Os pacientes perdiam suas colheres, canecas e outros objetos e Arthur Bispo, atento, guardava tudo para suas sucatas. Assim foram surgindo as 'assemblages' – sobre uma prancha de madeira, dispostos rígida e geometricamente, objetos de uma mesma classe: canecas, talheres, bolas, sapatos, botas, chapéus, vassouras, cartolinas, confetes em garrafas de plástico e até mesmo uma série de panos bordados com palavras.

A reclusão, importante para poder fazer sua reconstrução de um outro mundo, foi se tornando cada vez mais necessária. Com o passar dos anos, Arthur Bispo não mais participava mais nem das festas de carnaval, São João, Natal e Reveillon promovidas na Colônia.

Apesar de não gostar de chuveiro, Arthur Bispo era um dos pacientes mais limpos. Com uma toalha molhada esfregava todo o corpo para em seguida passar óleo, 'para ficar brilhoso', trazido por um dos funcionários. E no meio do caos da Colônia onde pacientes não controlavam a urina ou fezes, Arthur Bispo era um perfeito cavalheiro. Fez em madeira um receptáculo para um urinol.

Arthur Bispo bordou muito em lençóis e cobertores da Colônia e assim surgiram os 'estandartes', em que predominava o azul, cor dos uniformes que desfiava. Neles estão bordados nomes de funcionários, mulheres eleitas, ruas e

bairros do Rio de Janeiro, países. Em um específico identificamos o mapa da Colônia Juliano Moreira com os rios, pavilhões, casa do diretor, posto do Exército e até as linhas de ônibus que levavam à Colônia os parentes em dias de visita. Bordou navios e bandeiras. Bordou muitas palavras do que resultou a identificação de estandartes: ‘dicionário’, ‘nomes’, ‘palavras’.

Gostava do jogo de xadrez no qual era bom jogador e construiu tabuleiros e peças para pacientes e funcionários. Um dos tabuleiros, quadriculado em azul e branco, com cavalos, torres, bispos, peões, rei e rainha revestidos por linhas e com os devidos nomes bordados e alguns numerados. Há um conjunto de peças de xadrez dispostas em uma prancha e ordenadas seguindo o padrão das ‘assemblages’.

Arthur Bispo lia muito e gostava de apreciar as fotos das misses – a imagem a moça casta e bela. Em 1963 leda Maria Vargas ganha o título de Miss Universo e Bispo dedicou uma série de obras às idolatradas rainhas da beleza. Transformou panos rotos em faixas semelhantes às das misses e construiu cetros envoltos em fios azuis. Cada faixa trazia uma série de palavras bordadas: Miss Brasil, Miss Amazônia, Miss São Paulo, Miss França, Miss Etiópia, Miss Coréia do Sul. A da Miss América reunia minúcias geográficas:

ATLANTA NOVA YORK PALACIO CASA BRANCA
 ESCOLA NAVAL ACADEMIA ANAPOLIS
 WEST POINT HOLLYWOOD CAROLINA DO NORTE
 FLORIDA WASHINGTON SÃO FRANCISCO
 CALIFÓRNIA WYOMING LUISIANA NOVO MEXICO...

Essas moças apareciam por vezes nos sonhos do Arthur Bispo, que confessava: – “Sonhei que uma rainha caminhava, linda e pra, pelo teto do meu quarto”. E anos mais tarde comentaria: – “Os concursos de misses representavam uma união dos povos. Se hoje eles não têm mais importância, isso é mau sinal. É o final dos tempos” (Hidalgo, 1966, p. 104).

Sofrendo de dores nas costas e nas mãos, vivendo em um quarto úmido, Arthur Bispo não se queixava e nem se importava. Não podia interromper seu

trabalho. A clausura era necessária, estivesse Arthur Bispo na Colônia ou no casarão da família Leone. Para ele a Colônia era sua segunda casa.

5. A Família Leone

Após deixar a Marinha, no final de 1933, Arthur Bispo foi trabalhar em uma empresa de ônibus, onde passava madrugadas, dias úteis, domingos e feriados lavando os ônibus. Em 1936, um uma madrugada, sofreu um acidente, caiu do ônibus e teve esmagada parte do pé esquerdo. Um ano depois foi despedido por se recusar a cumprir ordem de um encarregado e por ameaçá-lo. Humberto Leone defendeu Arthur Bispo, ganhou a causa, conseguiu indenização e acolheu Arthur Bispo em sua casa.

Na casa da família Leone, tinha um quarto com banheiro só para si. Era muito grato e por isso não aceitava pagamento pelos trabalhos domésticos. Casa, comida e roupa lavada lhe bastavam. Arthur Bispo gostava de ficar horas a fio no quintal.

Nos períodos de alta da Colônia, Arthur Bispo sempre voltava à casa da família e foi lá que começou a tecer o manto e outros bordados. A família permitiu que usasse uma sala vazia do escritório onde tinha espaço e podia trabalhar com madeira, construído carrinhos em série, navios, que às vezes mostrava aos filhos do patrão. Não saía dali por nada, não abria janela, pouco ouvia, quase não falava e jejuava.

– “Deus não quer que eu coma” (Hidalgo, 1966, p. 66).

Todos da família Leone tinham muito respeito por Arthur Bispo, pois eram adeptos de Alan Kardek, criador do Espiritismo. Uma das filhas, Zezé, acreditava nos dons do Arthur Bispo. Quando sentia dor de cabeça, chamava o Arthur Bispo, que punha a mão sobre sua cabeça e fazia uma reza. Em minutos a dor passava. Outro filho, Olinto, sempre que sofria com uma dor de dente pedia a Arthur Bispo um bom fluído que fazia efeito.

O sogro de Zezé, comandante do Lloyd Brasileiro, gostava de conversar com o Arthur Bispo sobre a Marinha. Em um dos aniversários do sogro, Zezé queria fazer um bolo para comemorar e Arthur Bispo disse para fazer um bem simples que ele cuidaria da decoração. No dia da festa, trouxe um navio de madeira belíssimo para colocar em cima do bolo, cheio de adornos, bandeiras, bote salva-vidas, bóias.

Certa vez Zezé pediu a Arthur Bispo para pintar sua casa na serra de Teresópolis. Chegando lá, porque a caseira duvidou de seus dons, ele voltou imediatamente para o Rio, a pé. Eram cem quilômetros.

Por um período, Arthur Bispo trabalhou de pedreiro, marceneiro e vigia na clínica pediátrica de um dos familiares dos Leone, o doutor Bonfim.

– “Minha mãe, a Virgem Maria, diz que é bom para mim ficar num lugar com muita criança”. (Hidalgo, 1966, p. 72)

A Virgem lhe dava conselhos, proibia fumo, bebida, dinheiro. Até comida era controlada, um cafezinho de manhã e uma sopa com pão à noite. Só às vezes ele permitia uma refeição completa no almoço. Lá, Arthur Bispo tinha um quarto nos fundos, mas como o agito das enfermeiras lhe perturbava, passou a ocupar um sótão em busca de silêncio. Improvisou uma escada e puxou luz elétrica. Dispunha de 150 metros onde acomodou estandartes bordados, navios, carros, brinquedos. Das latas de leite em pó fez laminados onde gravou data de nascimento e morte dos conhecidos da clínica. São os chamados ‘Brise soleil’.

Bordou também desenhos em tecido com motivos religiosos: rosários, cruces, velas e crucifixos. O material para os bordados era fornecido por duas pacientes da clínica, proprietárias de uma loja de armarinhos. O Arthur Bispo também fuçava as latas de lixo da clínica, catava cabos de vassoura, ripas para construção de carrinhos, barcos e comprava o que podia no comércio local.

6. Retorno à Colônia

De volta à Colônia, trancava-se no quarto, evitava a luz do dia e chegava a ficar encerrado por meses – estava se transformando e quanto menos comunicação com o lado de fora, melhor.

“Os funcionários olhavam pela fresta, ofereciam frutas e se iam. Arthur Bispo estava sempre vivo, bordando, confeccionando objetos e esculturas. Passou sete anos nessa rotina monástica e nessa clausura primitiva, ouvindo ordens e cumprindo-as à risca [...] Era capaz de trabalhar nessa reconstrução do mundo durante doze, quinze, dezoito horas, sem descansar a vista, as mãos e as costas. Arthur Bispo passou os anos 60 e 70 em ação e só em 1980 seria apresentado ao mundo” (Hidalgo, 1966 p. 89).

Arthur Bispo foi curador de sua obra, determinava o que podia sair para o mundo – os estandartes e um dos mantos, mas nunca o Manto da Apresentação. Antes de uma exposição, conversava com as peças que selecionara e pedia a elas para tomarem cuidado, para não se corromperem. Considerava suas obras como filhos; nunca quis vê-las expostas mas perguntava se estavam se comportando bem e gostando da casa nova.

Em 1981 veio trabalhar na Colônia, como estagiária, uma estudante de psicologia, Rosangela. Um dia, Arthur Bispo permitiu que ela entrasse e olhasse suas obras. Contou que ele era um enviado de Deus, que deveria reconstruir o mundo em miniatura para apresentá-lo no dia do Juízo Final. Chegou a descrever a visão dos anjos encomendando-lhe a missão. Estava cumprindo sua obrigação, sua missão. Vangloriava-se. Era bom em tudo. O melhor dos pugilistas da Marinha, o xerife do pavilhão. Um ser especial. Terminada a conversa, Arthur Bispo conduzia a moça até a porta, beijava-lhe a mão e se despedia.

Rosangela notou o traço rebelde, mas nada agressivo. Com ela Arthur Bispo era meigo, carinhoso, mantinha o tom de voz baixo – um cavalheiro. A estagiária perguntava sobre a família, cidade natal, o passado. Mas quando o assunto não lhe convinha, encerava a conversa. O tempo regular dos encontros

era de quinze a vinte minutos. Mais do que isso, Arthur Bispo não suportava. Porém, manteria o dialogo com Rosangela por dois anos. Foi ela a única terapeuta que deixou entrar em sua vida e para ela Arthur Bispo passou a fazer reproduções das miniaturas.

Rosangela aceitou navios de madeira, colheres de pau, sabonetes e objetos tão pessoais quanto o próprio travesseiro do Arthur Bispo, que em diversos trabalhos inscreveu seu nome que compôs com Maria:

ROSANGELA MARIA

DIRETORA DE TUDO

EU TENHO

Conversas do Arthur Bispo com Rosângela:

– “Você vem aqui sempre no horário certo, em dias certos. Eu acho que você está me tratando. Você trata daqueles outros malucos também?”

– “Eu sou uma pessoa divina, não posso me misturar. Eu sou Arthur Bispo de Jesus. E você é Rosangela de Jesus. Você trata daqueles malucos naquela sala? Eles são malucos, não vai adiantar. Não dizem coisa com coisa, são sujos, não tomam banho, não têm educação”.

– “Mulher tem que vestir saia e meia. Não pode falar palavrão nem gíria e tem que ser virgem”.

– “Você deve ter mãe e pai. Você deve ter outras pessoas. Mas marido e filho eu sei que você não tem porque você é virgem. Uma mulher não acena com a mão. Um cumprimento assim não é bonito para uma mulher. Quando você não puder vir diretamente a mim simplesmente me olhe. Nunca acena com a mão porque é feio”.

– “Jogo não foi feito para mulher, é melhor você não jogar mais. Mulher ao foi feita para isso. Para ela estão reservadas atividades mais sublimes”.

– “Você vem vindo muito pouco aqui. Não pode vir mais?”

– “Preciso deixar de comer para ficar todo brilhoso, dos pés à cabeça, e aguardar minha ordem. Vou ficar transparente para subir ao céu na hora da passagem”.

Quando do término do estágio de Rosangela, Arthur Bispo fez uma cadeira com rodas de madeira com uma corrente. Quando ela se senta ele puxa a cadeira com a corrente para lá para cá, para perto e para longe.

– “Veste a camisola que eu visto o manto. Vamos representar Romeu e Julieta”.

Um quarto arrumado, imaculadamente limpo e todo enfeitado – no centro uma cama de ferro coberta por um véu branco salpicado por fitas coloridas. Em cima do colchão, uma camisola e o manto. Ao lado um baú cheio de roupas íntimas femininas.

– “Mas você sabe como termina a peça? Eles morrem”, diz Rosângela.

– “Claro que conheço. Mas não quero viver o final. Isso é só uma representação. Você nunca foi ao teatro? Tudo bem, nós não vamos mais representar”, esclarece Arthur Bispo.

Arthur Bispo dormia em uma cama improvisada no chão e mantinha o quarto dedicado à Rosangela fechado. E no final, quando ela se vai:

– “Tudo bem, eu já entendi tudo. Pode ir que eu vou ficar por aqui reconstruindo o mundo” (Hidalgo, 1966, p. 168).

No dia 7 de março de 1983, Arthur Bispo deu entrada no pronto-socorro da Colônia desidratado e em estado de inanição. Estava se preparando para fazer a passagem. Ficou lá por 15 dias, com pressão alta, fraqueza, insuficiências cardíaca e respiratória. Rosangela veio visitá-lo, pois este jejum se iniciou quando ela partiu.

– “Você foi muito importante na minha vida, mas acho que não sou tão importante pra você. Pois espere e verá. Um dia você vai ser conhecida pelo meu trabalho. Por mim. Um dia eu vou fazer você se sentir importante”. (Hidalgo, 1996, 161-168)

Arthur Bispo se recupera, volta para seu trabalho e continua sua obra.

– “Eu já fui transparente. Às vezes, quando deixo de trabalhar, fico transparente de novo. Mas normalmente sou cheio de cores” (Hidalgo, 1996, p. 176).

Arthur Bispo estava sempre à cata de qualquer material. Os pacientes lhe davam todo tipo de sucata em troca de cigarros e café. Joel, funcionário e amigo, com dinheiro juntado pelos colegas comprava-lhe linhas, cordas, quinquilharias. Funcionários da Colônia arrumavam sacos de estopa, cobertores e lençóis velhos para o Arthur Bispo bordar.

As botas, galochas, colheres, bolsas, fivelas de cintos, cabides, seringas, pentes, ferramentas, chapéus, pipas, capacetes, pentes, canecas, talheres, rodos, vassouras, botões, cartolinas coloridas serviram na composição de suas vitrines, como chamava, ou ‘assemblages’. Dependurou rodos e cabos de vassouras em um compensado de madeira, escorado por ripas, dispostos simetricamente.

Uma ‘assemblage’ de bolas reunia nove delas pintadas de várias cores e a inscrição: NÃO BATER COM OS PEIS É PARAÍSO DOS HOMENS

Quando os objetos eram diferentes, o material era o fio condutor: o metal, o plástico, a madeira ou a borracha ditavam a reunião.

Quando a visão turva começou a lhe atrapalhar, Arthur Bispo passou a bordar menos e a escrever mais. Uma oração a Jesus Cristo talhada em madeira, uma reprodução da Santa Ceia, medalhinhas da Virgem Maria, imagem dos santos, cruzeiros e crucifixos.

Arthur Bispo elaborou mais de 1.000 peças: desde a cama de Romeu e Julieta, passando pela nave que o carregaria rumo ao céu e o manto da Apresentação. Vestido com o manto, carregaria em seu avesso aqueles que salvaria do Juízo Final.

A caminho dos 80 anos, era o paciente mais antigo da Colônia, teimoso e desconfiado, recusava a comida porque acreditava estarem colocando nela remédio e estragando sua visão. Tomava só água com açúcar.

Continuou a dormir em uma das celas, em um lençol jogado no chão úmido e duro.

– “Quando eu subir, os céus se abrirão e vai recomeçar a contagem do mundo. Vou nessa nave, com esse manto e essas miniaturas que representam a existência. Vou me apresentar” (Hidalgo, 1966, p. 185).

No dia 5 de junho de 1989 Arthur Bispo deu entrada no bloco médico. Emagrecido pelos jejuns, com taquicardia, febre e dispnéia. Sua passagem se deu às 19 horas, aos 80 anos, vítima de infarto do miocárdio e arteriosclerose. Sepultado no cemitério de Jacarepaguá.

Segundo Arthur Bispo:

– “Os doentes mentais são como beija-flores: nunca pousam, ficam a dois metros do chão” (Hidalgo, 1966, p. 44).

E deveria ter:

– “Um mundo só de ouro, prata e bronze, só de planícies, sem doença mental, violência nem sofrimento” (Hidalgo, 1966 p. 48).

7. A fenomenologia

"Minkowska partindo dos estudos sobre a esquizofrenia e a epilepsia, e sob a multiplicidade de manifestações dessas patologias, chega a duas estruturas mentais que se destacam cada uma com seus recursos e suas deficiências: a) o tipo esquizofrênico-esquizóide-racional e b) epiléptico-epileptóide-sensorial. Enquanto nos esquizofrênicos tudo se desagrega, tudo se dissocia, se dispersa, nos epilépticos tudo se condensa, se concentra, se aglutina" (Helman, 1959a, p. 9).

É famoso o estudo de Minkowska (1949) sobre os pintores Van Gogh, epiléptico, e Seurat, esquizorracional, em que, contrapondo-os, coloca à luz as características dos dois tipos de estrutura mental nas manifestações plásticas. Introduce sua análise fenomenológica da expressão gráfica em uma perspectiva psicopatológica. O estilo sensorial é caracterizado pela aderência ao concreto, ao vivido, ao meio ambiente e à ação, do que resulta a adesividade (por meio do

mecanismo de ligação) e a explosividade. No estilo racional prevalece a abstração, o simbólico, o afastamento e a imobilidade, portanto pela dissociação (por meio do mecanismo de corte) e pela perda de contato vital com a realidade.

Helman (1959) identifica no desenho de tipo sensorial a visão concreta e animada, o contato muito próximo com o ambiente, o movimento e a cor tornando as formas vivas e as banhando em um clima afetivo, as linhas móveis que sobem e descem e ligam um objeto a outro, as hachuras, os turbilhões e as explosões. No desenho de tipo racional, a expressão é estática, rígida, esquemática e estilizada, com precisão das formas que predominam sobre o movimento, a cor é pobre ou inadequada, objetos se isolam ou se fragmentam ou se perdem no vazio.

No funcionamento sensorial predomina o contato direto, o tocar, a vivacidade, o calor, a ação, o concreto. Nos desenhos, é o domínio do detalhe, das circunvoluções, dos movimentos, das cores, dos sombreados, das ligações, das junções e vinculações entre detalhes e objetos. Em contrapartida, no estilo racional prevalece o distanciamento, o isolamento, a impessoalidade, o formalismo, a rigidez, a racionalização e abstração. Nos desenhos é o âmbito do conjunto global, do aspecto formal, do geométrico, do estático, das cores frias, do corte, da cisão (Yazigi, 1998).

Nas obras de Arthur Bispo do Rosario temos a exemplificação da estética do estilo racional. É a predominância da forma sobre o movimento e a cor; da linha reta ou encurvada sobre as evoluções sinuosas ou onduladas ou sobre as circunvoluções; do contorno achatado sobre o volume; da composição geométrica sobre o plano natural; das tonalidades delicadas do azul, do verde, do rosa, sobre as cores vibrantes; dos tons acromáticos sobre os cromáticos; da organização global de uma cena sobre o detalhe. São essas as características de seus bordados nos estandartes – o delineamento preciso, esquemático nos moldes de um esboço em que sobressai o traçado geométrico; a superfície aplanada e sem tridimensionalidade; o traço reto, horizontal ou vertical, sem volume ou movimento; uso de cores pasteis; a preferência por mapas, objetos e nomes e sem imagens

de pessoas, a profusão de detalhes com minúcias e miniaturas que preenchem o toda da superfície.

Da mesma forma as 'assemblages' com a disposição, vertical e horizontal, rígida, simétrica e repetitiva de objetos de uma mesma categoria ou com certa afinidade. A preferência pela construção de objetos inanimados e de categoria abstrata ou genérica como roda da fortuna, urna, telha, moinho, barcos, carrinhos. A coleção de cartolinas. A impessoalidade no uso abundante de palavras e de nomes.

Arthur Bispo, em sua vida, apresentou as características esquizóides: encerramento frente ao mundo externo; preferência por atividades solitárias antes que por relacionamentos interpessoais; obstinação em concluir os trabalhos submergindo na tarefa e perdendo a noção de tempo; reclusão em um mundo interno habitado por uma profusão de imagens e alegorias.

Em Arthur Bispo e em sua obra identificamos a prevalência do simbólico sobre o vivido; da reflexão sobre a animação; da antítese sobre a analogia; da imaginação sobre a realidade; do passado sobre o presente; do eterno sobre o cotidiano; do místico sobre o visível; do cósmico sobre o terreno; do espiritual sobre o humano. Essa riqueza do vivido interior protegido Bispo lhe permitiu viver como um beija-flor – a dois metros do solo.

8. Considerações finais

Arthur Bispo do Rosário se tornou um artista famoso dentro e fora do Brasil. Suas obras têm sido expostas em diferentes amostras como a 46ª Bienal de Veneza em 1995 e foram levadas a quase todos os continentes quando da exposição itinerante de comemoração dos quinhentos anos da descoberta de nosso país, *Brasil +500*, da qual era uma as atrações principais. Sua produção tem sido alvo de estudo de especialistas em distintas correntes (Hidalgo, 1996, p. 197). Em um encontro sobre restauro no Rio de Janeiro em 2000 foi discutida a preservação de seus estandartes.

A idéia que orientou o presente ensaio foi focalizar a produção criativa como recurso de sobrevivência do mundo psíquico. Arthur Bispo passou 50 de seus 80 anos de vida internado em uma instituição psiquiátrica.

Ao estilo individualista, impessoal e reservado de Arthur Bispo, manifesto na relação com o mundo exterior, se contrapõe a efervescência do mundo interno e a generosidade expressa na exuberância de sua produção. Sua criatividade, instrumento de sobrevivência psíquica, consegue sobrepujar o isolamento, a reclusão, e ser transposta para o exterior e explicitada na ação.

A capacidade criadora de Arthur Bispo aflorou no período de sua hospitalização. Graças a ela, pôde suportar os 50 anos de encerramento e enfrentar as agruras de um cotidiano áspero e mesmo insalubre. Graças a ela, pôde conviver não só com suas idiossincrasias, mas também com aquelas dos demais internos da Colônia. Graças a ela, Arthur Bispo pôde transformar uma existência que poderia ter sido desperdiçada em uma vida rica e produtiva.

9. Referências bibliográficas

Helman, Z. (1959) Rorschach et Electroencéphalogramme chez l'Enfant Épileptique. Presses Universitaires de France, Paris.

Hidalgo, L. (1966) Arthur Bispo do Rosario, o Senhor do Labirinto. Rocco, Rio de Janeiro.

Minkowska, F. (1949) De Van Gogh et Seurat aux Dessins d'Enfants. Editions des Presses du Temps Présent, Paris.

Yazigi, Latife (1998) Essai psychologique sur la peinture d'El Greco dans une perspective phénoméno-structurale. Bulletin de Psychologie, Paris, v. 51, n. 2, p. 167-172.